

O uso da internet na aprendizagem de universitários: o que pensam os estudantes?*

The use of the internet in the learning of college students: what do students think?

Gabriella Soares de Oliveira Negre¹
Adriana Lira²
Universidade Católica de Brasília, Brasil

Resumo

Este trabalho é parte da pesquisa Juventude Internet Sociabilidades e Aprendizagens (JISA), desenvolvida pela Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília, no período de 2011 a 2013. Neste recorte, o principal objetivo foi averiguar qual a percepção dos licenciandos acerca do uso da internet na sua aprendizagem. Trata-se de um estudo quanti-qualitativo, cuja coleta de dados se deu por meio de questionário e da realização de grupos focais com estudantes do curso de Pedagogia, Letras e Matemática de uma universidade privada do Distrito Federal, Brasil. Constatou-se que a internet é o meio que os universitários mais usam para realizar suas pesquisas acadêmicas, mesmo sabendo que as informações ali expostas são de nível duvidoso. Para a maioria deles, o uso da internet acaba por viciar a escrita daqueles que não utilizam a norma culta para comunicar-se neste no espaço virtual, favorecendo assim o cometimento de erros gramaticais nos trabalhos acadêmicos. A partir deste estudo, conclui-se que esta ferramenta, se não usada corretamente e sem os devidos cuidados, pode afetar negativamente a formação dos universitários.

Palavras-chave: Internet, Aprendizagem, Leitura, Escrita, Universitários.

Resumen

Este trabajo es parte de la investigación Jóvenes Internet Sociabilidades y Aprendizaje (JISA), desarrollado por la Cátedra UNESCO de Juventud, Educación y Sociedad de la Universidad Católica de Brasília, en el período del 2011 al 2013. En este trabajo, el objetivo principal fue investigar la percepción de estudiantes de licenciatura sobre el uso de internet en su aprendizaje. Se trata de un estudio cuantitativo y cualitativo, cuya recolección de datos se obtuvo a través de cuestionarios y la realización de grupos focales con estudiantes de las Facultades de Educación, Literatura y Matemáticas de una universidad privada en el Distrito Federal, Brasil. Se constató que la Internet es el medio que los estudiantes universitarios más utilizan para llevar a cabo sus investigaciones académicas, aunque la información allí expuesta sea de nivel dudoso. Para la mayoría de ellos, el uso de Internet resulta viciar la escritura de los que no utilizan las normas culturales para comunicar en el espacio virtual, lo que favorece los errores gramaticales en trabajos académicos. A partir de este estudio, se concluye que esta herramienta, si no se utiliza correctamente y sin el cuidado adecuado, puede afectar negativamente la formación del estudiante universitario.

Palabras clave: Internet, Aprendizaje, Lectura, Escritura, Universitarios.

Abstract

This work is part of the Youth Internet Sociabilities and Learning [YISL] research, developed by the UNESCO Chair in Youth, Education and Society at the Catholic University of Brasília, during the period of 2011 to 2013. In this survey, the main goal was to investigate the perception of undergraduate students on the use of the internet in their learning processes. This is a quantitative and qualitative study in which the data was collected through questionnaires and focus groups conducted among students in the departments of Education, Literature and Mathematics of a private university in the Federal District, Brazil. It was found that the Internet is the means that college students use the most in their academic research, although the information to which they are exposed is of dubious quality. For most of them, the use of the Internet vitiates the writing capabilities of those who do not use cultural norms to communicate in the virtual space, favoring, thus, grammatical errors in academic works. From this study, it is concluded that this tool, if not correctly used, may negatively affect college students.

Keywords: Internet, Learning, Reading, Writing, College Students.

Cómo referenciar este artículo: De Oliveira, G. & Lira, A. (2015). O uso da internet na aprendizagem de universitários: O que pensam os estudantes de licenciatura?. *Pensamiento Americano*, 8(15), 79-98.



Recibido: Diciembre 14 de 2014 • Aceptado: Abril 6 de 2015

* Trabalho de conclusão de curso apresentado em 11 de novembro de 2014 ao curso de Pedagogia da Universidade Católica de Brasília – UCB.

1. Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Brasília e professora auxiliar na coordenação da Educação Básica da Rede Privada de Ensino do Distrito Federal (Brasil). gabi-negre@hotmail.com
2. Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília (Brasil). Professora adjunta da mesma Universidade. adrianaliraucb@gmail.com

Ambas as autoras integraram o seu grupo. A primeira autora fez parte da pesquisa como estudante de iniciação científica (IC) e a segunda autora era, à época da pesquisa, Secretária Executiva da referida Cátedra, colaborando no desenvolvimento da pesquisa e orientando os estudantes bolsistas de IC.

Introdução

Com o avanço cada vez mais acelerado da tecnologia, a *internet* não podia ficar de fora do debate educacional, uma vez que ela é uma das principais ferramentas usadas na universidade. Por essas razões, considera-se importante averiguar qual a percepção dos licenciandos quanto à sua influência e contribuição para sua aprendizagem.

A *internet* se tornou epicentro de várias discussões entre pesquisadores quando correlacionada à educação. Há controvérsias no debate acerca da *internet* como ferramenta de aprendizagem aos estudantes universitários. Esta ligeireza das informações via redes digitais causa a desconfiança quando questionada se a virtualização¹ proporciona aos alunos aprendizagem ou apenas memorização? A busca de conhecimento por meio da *internet* possibilita encontrar diferentes respostas, visto que há tão pouco tempo era inexequível serem idealizadas, ou seja, o uso da *internet* como ferramenta de aprendizagem ainda é uma temática recente que desperta a curiosidade destas autoras no que se refere à conscientização de jovens universitários a respeito do uso da *internet*.

Neste intuito, foram organizados os seguintes blocos com a revisão da literatura que embasou as autoras para o alcance do objetivo a que se propôs este estudo: 1) O hábito de

leitura e escrita dos estudantes universitários; 2) Algumas considerações acerca do processo de aprendizagem e o uso da *internet* como subsídio na aprendizagem dos jovens acadêmicos e 3) O professor como mediador da aprendizagem. Em seguida, passa-se à apresentação da pesquisa com os resultados e discussões e, por fim, às conclusões.

O hábito da leitura e a escrita dos estudantes universitários

Pessoa e Maia (2012) consideram que a leitura é uma atividade intelectual humana muito complexa. Paralelo a isto, destacam também as várias possibilidades da *internet* (composta por uma enorme estrutura hipertextual) oferecidas aos estudantes que precisam ser orientados a julgar o mar de informações que tem valor científico para suas pesquisas. Em meio a esses aspectos, é inegável que a *internet* é, sem dúvida, uma ferramenta inovadora e necessária no espaço de sala de aula. No entanto, ela pode se constituir uma ferramenta perigosa, visto que um estudante pouco consciente ou mal orientado acaba por ela influenciado no que se refere aos vícios de linguagem adquiridos em seu uso e, ainda, no que se refere a uma praticidade exacerbada, isto é, estudantes deixam de querer ter acesso aos livros físicos e realizam suas pesquisas somente em ambientes virtuais. Esta ideia é corroborada por Defourny (2010) ao destacar que a *internet*, em alguns casos, acaba interferindo na mudança de comportamento e linguagem.

1. Virtualização: tornar virtual, passar de um ambiente real para um ambiente digital.

A influência da *internet* na linguagem dos estudantes é refletida mesmo nos textos dos acadêmicos - futuros professores (Lira, 2010). Além disto, há o desafio da leitura, pois mesmo no ambiente superior, o alunado chega à universidade sem o hábito da leitura, passando, pois, a constituir assim uma barreira na formação acadêmica dos estudantes; é o que revela, por exemplo, o estudo realizado na Universidade Estadual da Bahia (Amorim, 2010).

Em suas experiências na educação superior, as autoras deste artigo verificaram que seus colegas acabam por substituir o livro físico pela consulta rápida à *internet*. Portanto, teme-se que o seu uso exacerbado acaba por contribuir para que os estudantes percam seu interesse pela leitura de livros físicos.

Apesar disso, convém lembrar que há pesquisadores que defendem que com a *internet* os estudantes passaram a ler mais.

Mafra e Rezende (2011, p. 97) ressaltam que, “no momento, a leitura está distante de chegar ao posto que ela deva ocupar junto aos alunos no que diz a respeito ao exercício consecutivo - ato prazeroso de ler - e contribuição indispensável em sua formação”. Porém, mesmo no ensino superior, parte dos estudantes não se conscientizou desta importância (Amorim, 2010).

Deste modo, não se pode negar a importância da *internet* como mais um meio de aprendi-

zagem, especialmente na educação superior já que ela é uma realidade muito comum na vida dos universitários.

O fato de ela ser uma ferramenta bastante usual no meio acadêmico tem levado a sociedade contemporânea a transformar sua forma de ensinar, e o professor não exerce mais a função exclusiva de transmissor de conhecimentos. Segundo Moran (1999b), o papel do professor é auxiliar o estudante fazendo com que ele interprete os dados, relacione e contextualize. Com base em um dos pilares da Educação proposto por Delors (1998), aprender a aprender, o acadêmico deve ser instigado a aprender sozinho e seu professor deve assessorá-lo neste processo. Daí então a necessidade da capacitação do professor para instruir seus alunos, a fim de aproveitar a *internet* como suporte para conceber novas aprendizagens, visto que os jovens universitários da contemporaneidade são nativos digitais e chegam à universidade com um amplo conhecimento neste campo. Portanto, os professores não podem “dar com os ombros,” fingir que tal realidade não exista (Àvila & Leal, 2012). Nesta perspectiva, o professor deve reconhecer que a *internet* abre um campo profícuo de conhecimento. Entretanto, não se podem dispensar as outras formas tradicionais de acesso ao conhecimento, visto que a *internet* abre um vendaval de informações que pode provocar efeitos contrários.

Lira (2010), em sua experiência de sala, na educação superior, destacou que a *internet* in-

fluência também a escrita dos estudantes, que vem sendo fortemente modificada. Segundo ela, “muitos ainda escrevem como falam e não se dão conta ou se importam com isso” (p. 179).

Conforme anteriormente destacado, o hábito de leitura ainda se faz, mesmo na educação superior, um desafio para uma formação profícua (Amorim, 2010). Além da falta de hábito de leitura, com as novas tecnologias, preocupa a superficialidade dos estudantes quanto ao desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos, uma vez que eles podem ficar acomodados à praticidade de encontrar o que procuram pronto na *internet*. Assim, é preciso refletir sobre como superar esta dificuldade no ambiente universitário.

Por exemplo, Moro, Souto e Estabel (2012) destacam que os estudantes tendem a considerar as leituras de obras literárias uma atividade penosa e, por isto, tendem a não lê-las. Diante deste problema, cabe ao professor “criar situações para despertar a curiosidade desenvolver autonomia, criar condições necessárias para a formação de um leitor proficiente” (Santos, 2006, p. 79). Neste processo, os educadores devem se tornar mediadores da leitura em que assumem o papel principal pela construção do diálogo entre o autor e o leitor (Tourinho, 2001). Por outro lado, as recentes formas de ler e escrever trazidas pelas novas mídias não podem ser ignoradas, pois no cotidiano o docente perderá a oportunidade de interagir com a geração digital, disposta a aprender e a viven-

ciar experiências enriquecedoras para o futuro delas (Silva, 2010).

Algumas considerações acerca do processo de aprendizagem e o uso da internet como subsídio na formação do conhecimento dos jovens acadêmicos

Para Schechtman (2009), aprender é uma ação particular, concretizada por quem aprende, em algum lugar ou com o mundo, conversando, meditando, lendo ou relendo. De acordo com Rosing (2012), a aprendizagem é um acontecimento que se relaciona com o ato de aprender, onde estabelece ligações entre estímulos. Esta se dá por diversos meios de interação como no espaço da sala de aula, na biblioteca, nos laboratórios de informática com o uso de computador e *tablets*, e, ainda, por meio de outros recursos como a televisão. Enfim, a aprendizagem se dá por vários meios interativos com a utilização das mídias diversificadas de forma não linear. Consonante a estas ideias, Bruno, Pesce e Bertomeu (2014, p. 125) consideram que “a aprendizagem deve ser focalizada no estudante e o professor é aquele que cria possibilidades para que o sujeito aprenda.” Assim sendo, “ela se dá através da descoberta e o professor passa a ser um guia do aluno” (Mercado, 2001, p. 1).

Por sua vez, Wolynech (2010, p. 1) ressalta que “a aprendizagem não é nem uma atividade passiva e nem simplesmente objetiva”. A *internet* a serviço da aprendizagem pode ser uma aliada do professor para uma aprendizagem

significativa dos estudantes se a instituição de ensino dispõe deste recurso. Portanto, o uso consciente desta ferramenta acaba por envolver os estudantes de forma perspicaz concebendo naturalmente os processos de aprendizagens significativas (Jonassen, 1996). De acordo com Jonassen (1996), a aprendizagem mediada pelas tecnologias será mais eficiente quando cabeças pensantes forem aliadas a ambientes de aprendizagem estimulantes. Porém, atualmente, verifica-se a urgente necessidade de preparo dos estudantes para o uso consciente desta ferramenta.

Para tanto devemos reconhecer que as mudanças que interferem na educação (Moran, 2003, p. 1). Com isso, “a educação presencial e a distância começa a ser fortemente modificada e todos: organizações, professores e alunos são desafiados a encontrar novos modelos em todas as situações”. Isto significa que se deve deixar o modelo tradicional de lado e ir à busca de novas maneiras de ensinar e aprender, visto que as novas tecnologias contribuem para ampliar e transformar o processo de ensino, pois o estudante se converte em participante ativo da sua própria aprendizagem. Neste contexto, modernizar significa romper a estrutura de esquemas conhecidos e realizar de forma permanente, progressiva e diversa, a aprendizagem. A *internet*, portanto, é uma alternativa que proporciona autonomia ao ato de pesquisar que quebra o processo tradicional de ensino e pesquisa, facilitando para que haja novas descobertas e aprendizagens (Queiroz, 2014).

Lembra Moran (1999) que ensinar e aprender exige hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Neste sentido, as novas tecnologias asseguram novos meios alternativos para a aprendizagem. Portanto, “novos sistemas de informação facilitam as tarefas de estudantes e professores” (Barbosa, 1999, p. 74).

De acordo com Wolynech (2010), a *internet* está democratizando o acesso ao conhecimento e, portanto, contribuindo para a aprendizagem além de introduzir novas formas de interação entre estudantes e professores. Paralelo a isso, convém lembrar um crescimento constante do mercado de educação *online*, principalmente na educação superior, trazendo comodidade para que os estudantes possam aprender em qualquer lugar. Vale frisar que a mesma oferece inúmeras probabilidades para que a aprendizagem ocorra.

Verifica-se que o estudo do uso da *internet* como instrumento de aprendizagem é algo moderno. Mercado (2001, p. 1) corrobora esta ideia ao considerar que “é fundamental colocar o conhecimento à disposição de um número cada vez maior de pessoas e para isso é preciso dispor de ambientes de aprendizagem em que as novas tecnologias sejam ferramentas instigadoras”. Porém, faz-se necessária uma reflexão acerca de como explorar didaticamente esta ferramenta que nos traz conhecimento de forma tão imediata e como esta contribui para a aprendizagem.

Uma vez que os meios tecnológicos estão fazendo parte da educação, a *internet* possibilita várias oportunidades de caminho entre a pesquisa e a comodidade, entretanto, a gama de conteúdos expostos no ambiente virtual nem sempre é autêntica (Silva, 2010). A agilidade e a praticidade que a *internet* proporciona faz com que a cada dia os estudantes se tornem consumidores assíduos desta rede. As novas tecnologias fazem parte de suas vidas, tornando às vezes algumas atividades mais práticas e rápidas à medida que promove informação, comunicação e conhecimento.

É inegável que por meio da *internet* o estudante obtém autonomia ao pesquisar e gera o seu próprio saber e possibilita um amplo campo de pesquisa em sua rede (Barbosa, 1999). Contudo, esta ferramenta se coloca como uma “faca de dois gumes” quando o estudante deixa de questionar a veracidade das informações obtidas. Portanto, a consulta apenas à *internet* leva o estudante ao risco de acessar os dados não fidedignos ou até mesmo falsos, um dos aspectos averiguados junto aos licenciandos na presente pesquisa.

O professor como mediador da aprendizagem

O campo da educação universitária foi designado historicamente por um paradigma academicista de ensino, onde o professor era a maior referência do processo de ensino e aprendizagem. O ensino era focado somente na imagem do professor como detentor exclu-

sivo do conhecimento. Com o passar dos tempos, o professor tem a competência de gerar um novo modelo de aprendizagem gerado pela Tecnologia da Informação e Comunicação - TICs (Àvila & Leal, 2012).

As novas tecnologias estão alterando a maneira de ensinar e aprender. Assim, “o primeiro passo é facilitar o acesso dos professores e dos alunos ao computador e a *internet*” (Moran, 2003, p. 6).

Moran (2005, p. 1) também ressalta que, “o professor continuará dando aula, de uma forma menos informativa e mais gerenciadora, utilizando as possibilidades que as tecnologias interativas proporcionam”. Nesta concepção construtiva de ensino, o docente torna-se um sistematizador de experiências, um elaborador de problemas e provocador de situações (Moro, Souto & Estabel, 2004; Schechtman, 2009; Àvila & Leal, 2012). Em consenso a essas ideias, Moran (1997, p. 20) adverte:

O ensino com o uso da *internet* pressupõe uma atitude do professor diferente da convencional. O professor não é o informador, aquele que centraliza a informação. A informação está em inúmeros bancos de dados, em revistas, livros, textos, endereços de todo o mundo. O professor é coordenador do processo, o responsável na sala de aula. Sua primeira tarefa é sensibilizar os alunos, motivá-los para a importância da matéria com os interesses dos alunos, com a totalidade da habilitação escolhida.

Este, pois, está desafiado a conhecer e dominar as novas tecnologias, não apenas para falar a mesma língua dos estudantes, mas também para usá-las a serviço da aprendizagem é o que se percebe nas observações de Faria (2004, p. 57):

Na aurora do século XXI, necessitam os professores estar preparados para interagir com uma geração mais atualizada e mais informada, porque os modernos meios de comunicação, liderados pela *Internet*, permitem o acesso instantâneo à informação e os alunos têm mais facilidade para buscar conhecimento por meio da tecnologia colocada à sua disposição. Assim, o papel do educador está em orientar e mediar as situações de aprendizagem para que ocorra na comunidade de alunos e ideias, o compartilhamento e a aprendizagem colaborativa para que aconteça a apropriação que vai do social ao individual.

Por fim, destaca-se uma observação muito consistente de Córdoba (2005, p.107) no que se refere ao uso das tecnologias como ferramentas inovadoras para aprendizagem dos estudantes:

Usar o computador numa sala de aula vai além da simples troca do giz pelo teclado, implica em dominar o potencial que esta ferramenta possui. É preciso saber aproveitar o conhecimento dos alunos no manejo das máquinas - muitas vezes maior que do próprio mestre que geralmente mostra-se resistente a mudanças.

Desta forma, o professor disputa espaço com as novas tecnologias e, por isto, é preciso superar sua resistência para fazer da sala de aula um espaço de aprendizagem significativo e atrativo também para os licenciandos.

Informações da pesquisa

Caracterização da pesquisa

A pesquisa é de abordagem quanti-qualitativa de carácter exploratório. Entretanto, priorizou-se uma análise dos dados quantitativos.

Partindo do pressuposto de que a pesquisa quantitativa lida com números e usa modelos estatísticos para explicar os dados (Bauer, Gaskell & Allum, 2007), neste estudo, fez-se uso do *Software Statistical Package for The Social Sciences* (SPSS), após tabulação em Excel como suporte de análise das questões.

Já em relação aos dados qualitativos, foi empregada a análise das discussões que segundo Neves (1996), é o método que pode ser compreendido como um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que pretendem descrever a complexidade de um sistema de significados, traduzindo assim o sentido que os fenômenos possuem para uma determinada sociedade.

De acordo com Demo (1995, p. 231), ainda no que se refere à adoção de uma ou outra abordagem, “é importante lembrar que uma não é melhor que outra. Ambas são da mesma importância metodológica”. Usadas, portanto,

de formas complementares, conforme prevê a literatura (Baptista, 1999). Por sua vez, reforça Chizzotti (1998, p. 34) que “a pesquisa quantitativa não necessita ser oposta à qualitativa, mas ambas devem sinergicamente convergir na complementaridade mútua”.

Os instrumentos de coleta

No que se refere aos instrumentos adotados para coleta de dados, fez-se uso dos questionários que são amplamente utilizados por pesquisas de abordagem quantitativa, pois correspondem as estatísticas (Vergara, 2009). O questionário, aplicado por meio do contato direto aos acadêmicos, era composto de 83 questões abertas e fechadas. Estas últimas organizadas algumas vezes em escala de *likert* (concordo, concordo parcialmente e discordo) e, ainda, na forma de múltipla escolha.

Além do anonimato e outras vantagens destacadas na literatura, “o questionário permite obter informações de um grande número de pessoas simultaneamente ou em um tempo relativamente curto” (Richardson, 1989, p. 158).

Foi utilizada ainda a técnica de grupos focais a partir de um roteiro semiestruturado de questões para a geração dos dados qualitativos. A realização de seis grupos focais pretendeu esclarecer os dados quantitativos. Para Gomes e Barbosa (1999), o grupo focal, também conhecido como entrevista em grupo, tem como objetivo suprir as questões que não foram alcançadas, uma vez que através dos grupos fo-

cais obtêm-se informações com profundidade através de discussões. Após a transcrição dos grupos focais, os dados foram submetidos à análise de conteúdo por meio da organização dos dados organizados em categorias, conforme apresentado nos resultados deste artigo. A referida análise do conteúdo foi norteada pelas observações de Bardin (2009).

Contexto e amostra de pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma instituição de ensino superior da rede privada do Distrito Federal.

A amostra quantitativa é composta de 449 respondentes sendo 192 do curso de Pedagogia, 183 de Letras e 74 de Matemática.

A escolha dessas licenciaturas se deu pela disponibilidade das direções dos cursos em colaborar com a pesquisa e a participação dos estudantes nos grupos focais se deu mediante convite realizado diretamente nas turmas e voluntarismo dos estudantes.

Perfil dos respondentes e informantes da pesquisa

A amostra envolve um perfil de estudantes do primeiro ao oitavo semestre, sendo 76,6 % do turno noturno e 23,4 % do turno matutino. Quanto ao tempo que estava estudando na instituição pesquisada, 29,2 % estava a menos de um ano; 33,3 % tinha de um a dois anos na instituição, 24,1 % de 2 a 3 anos, 12,1 % de 3 a 4 anos e 1,3 % há mais de quatro anos. Em

relação à idade, o percentual maior é de 55,7 % para os que identificaram possuir entre 18 a 24 anos. Entretanto, havia aqueles também que tinham entre 25 e 30 anos (22,5 %), 31 a 40 anos (14,3 %) e mais de 41 anos (4,7%) e menor de 18 anos (2,0 %) e 0,9 % não respondeu.

Com o intuito de saber o tempo disponível para os estudos, buscou-se averiguar se os alunos realizavam atividades paralelas à universidade. Apenas 25,5 % declarou só estudar. Quase metade dos estudantes (48,8 %) trabalha e estuda, os demais declararam desenvolver estágios e/ou trabalhos voluntários.

No que se refere ao perfil familiar, 50,7 % afirmaram morar com os pais, 37,7 % com familiares. Há também aqueles que moram sozinhos (2,9 %) ou com outras pessoas (7,2 %).

Quanto à escolaridade dos pais, verificou-se que, em geral, os pais possuíam baixa escolaridade. Apenas 8,7 % dos pais tinham graduação completa e 4,7 % as mães.

Quanto às condições socioeconômicas, 41,6 % das famílias têm a renda mensal salarial de mais de dois a cinco salários mínimos, 24,6 % recebiam de um a dois salários mínimos e 21,5 % recebiam de cinco até 10 salários mínimos. Assim, é possível concluir que, em geral, os estudantes, de acordo com a escala social do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), não são de classe alta apesar de estudarem em uma universidade privada. É

possível inferir do conjunto de dados que estes licenciandos não só estão vivenciando um aparato tecnológico diferente da geração que seus pais viveram, mas, também, estão tendo oportunidades de escolarização que os mesmos não tiveram.

Também foram realizados seis grupos focais, sendo dois em cada curso, com o total de 44 estudantes que também participaram do preenchimento do questionário que possuíam questões abertas e fechadas. No curso de Letras, participou um total de 14 estudantes, sendo 11 do sexo feminino e três do sexo masculino. Já o curso de Matemática contou com a participação de 16 estudantes, sendo 11 do sexo feminino e cinco do sexo masculino. E, por fim, o curso de Pedagogia contou com a participação de 14 estudantes no grupo focal, sendo 11 mulheres e três homens. A idade dos estudantes variava entre 18 e 28 anos.

Resultados e discussão

Os resultados que se seguem estão organizados em cinco blocos de modo a permitir ao leitor a percepção dos benefícios e perigos do uso da *internet*.

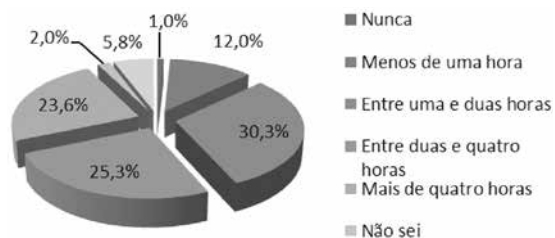
1) O uso da *internet*

Foi notório ser comum o uso da *internet* entre os jovens tanto com o objetivo de socialização quanto de aprendizagem. Klamer, Campos e Tavarnaro (2009) destacam que a *internet* é uma das principais ferramentas digitais com a qual os universitários interagem.

Dando continuidade aos dados sobre *internet*, percebeu-se que os jovens universitários em geral fazem uso das ferramentas digitais, pois 90,8 % afirmaram possuir *internet* em sua residência. Assim pode-se considerar que os jovens estudantes vivem em um ambiente no qual os computadores, *tablets*, celulares e televisores envolvem um considerável espaço em suas práticas de aprendizagem, comunicação e de lazer (Peixoto, 2011).

Quando indagados sobre o tempo de uso diário da *internet* em casa, considera-se elevado o tempo de conexão dos estudantes (ver Gráfico 1).

Gráfico 1. Tempo de uso diário da internet em casa

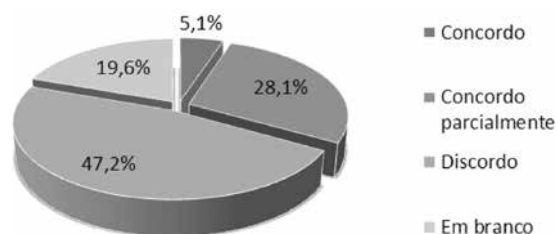


Fonte: Pesquisa de campo

2) Espaço virtual ou presencial? Eis a questão.

Apesar da facilidade proporcionada pela *internet*, no momento da realização dos trabalhos de grupo, a maioria (53,8 %) destacou a sua preferência pelo modo presencial, dado que para estes o aprendizado em uma disciplina virtual não é melhor que no ambiente presencial, conforme consideraram 47,2 % (ver Gráfico 2).

Gráfico 2. O aprendizado em uma disciplina virtual é melhor que em uma disciplina presencial

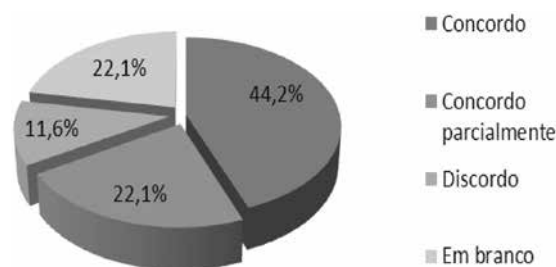


Fonte: Pesquisa de campo

No que se refere à interação entre os estudantes e também entre eles e seus professores, verifica-se que a modalidade virtual não favorece muito a interação como ocorre no espaço presencial, assim mais da metade dos estudantes (52,0 %) discordam que a interação entre os estudantes na disciplina virtual seja melhor que na presencial.

Contudo, foi importante observar que os estudantes destacaram que a exigência de leituras e produções de textos na disciplina virtual seja maior que na disciplina presencial (ver Gráfico 3).

Gráfico 3. A exigência de leituras e produções de textos na disciplina virtual é maior que na disciplina presencial



Fonte: Pesquisa de campo

Diferentemente do estudo realizado no

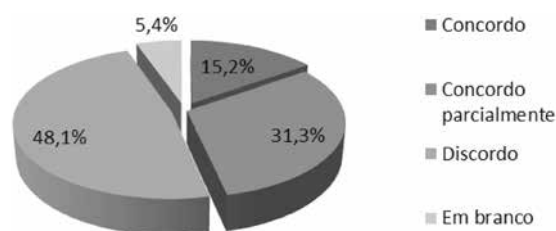
Estado da Bahia, onde a leitura no meio acadêmico ainda constitui um desafio (Amorim, 2010), verificou-se que os estudantes que compuseram este estudo tinham hábito de leitura, lendo não apenas as leituras obrigatórias da Universidade, como livros alheios à tarefa universitária (58,0 %), revistas e ou jornais (58,2 %), quadrinhos (16,3 %) e o que mostrou questão de múltipla escolha. É, aliás, o que se espera de um estudante universitário. Todavia, é expressivo o número de estudantes (80,8 %) que declarou fazer apenas as leituras obrigatórias da universidade.

Em outra questão, parte dos estudantes revela que o acesso às informações da *internet* faz o universitário ler menos do que lia. Assim, concordaram plenamente 36,3 %, enquanto 40,1 % concordaram parcialmente. Esse resultado dos dados quantitativos é corroborado pelo estudante A do curso de Pedagogia (noturno) no grupo focal:

Na verdade, eu acho talvez a leitura aumente, mas não exatamente a leitura significativa. Você não entra nos textos, mas hoje, você pega todos os jornais que faz mais sucesso no país. Se os jornais têm uma leitura muito grande nesse texto é de 10 linhas no máximo, acontece muita coisa. Às vezes, até mesmo na própria academia se você tem um livro para ler, você não lê, procura três artigos na *internet*, e dentre eles faz um apanhado e acha que sabe o que tinha no livro, eu acho que essa facilidade acaba sendo prejudicial e a leitura, ela diminui.

Ainda nesta perspectiva, verificou-se divergência de opiniões dos estudantes acerca da ideia de que a leitura em hipertextos (textos virtuais com *links*, etc.) é mais estimulante que em livros impressos, conforme representação gráfica a seguir.

Gráfico 4. A leitura em hipertextos (textos virtuais com links etc.) é mais estimulante que em livros impressos



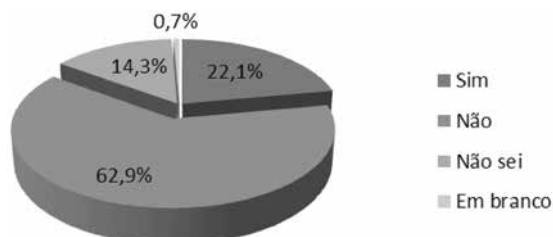
Fonte: Pesquisa de campo

O questionário também versou sobre a influência da linguagem utilizada nos espaços virtuais da *internet* na escrita acadêmica. Concordaram plenamente com esta premissa 34,6 % dos respondentes e, ainda, parcialmente, 38,2 % deles. A maioria (52,1 %) declarou ainda fazer uso das gírias ao conversar com alguém pela *internet*. Para Castells (2002), essa linguagem típica da *internet* tornou-se um código da comunicação que se transforma cada vez mais em uma língua universal digital. Apesar disso, 40,9% disseram ter a preocupação de preservar a gramática correta quando se comunicam pela *internet*.

Quando questionados se já cometeram erros nos trabalhos acadêmicos devido à linguagem utilizada nos espaços virtuais, averiguou-

se uma tendência de negação desta ocorrência pela maioria deles (62,9 %), conforme gráfico 5.

Gráfico 5. Você já cometeu algum erro em trabalhos acadêmicos devido à linguagem utilizada nos espaços virtuais da internet?

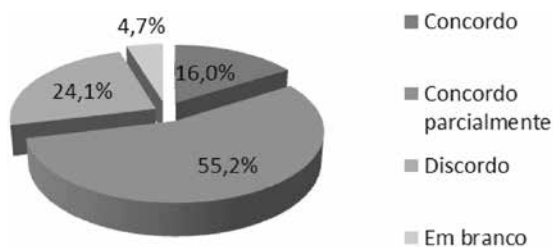


Fonte: Pesquisa de campo

Ainda acerca da linguagem, os estudantes assinalaram que o professor deve considerar como válida somente a norma culta durante as correções dos trabalhos (85,0 %).

Em outro momento, mais da metade dos respondentes consideraram que a praticidade em ler e escrever na *internet* gera um aprendizado duvidoso (ver Gráfico 6) devido às possibilidades oferecidas pela *internet* que exige do pesquisador a habilidade de saber garimpar “pedras preciosas” em meio a vários *sites* (Moran, 1997).

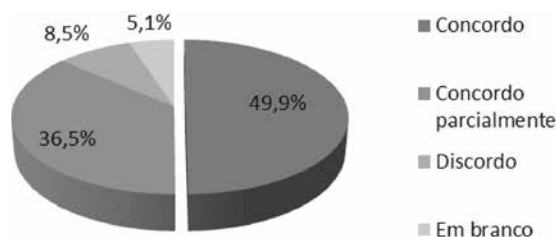
Gráfico 6. A praticidade em ler e escrever na internet gera um aprendizado duvidoso



Fonte: Pesquisa de campo

Somado a isso, está o desafio dos estudantes, diante da grande quantidade de informações disponíveis na *internet*, dada à dificuldade de selecionar o que é de qualidade, conforme representação gráfica a seguir.

Gráfico 7. Diante da grande quantidade de informações disponíveis na internet, minha maior dificuldade é selecionar o que é qualidade e o que não é

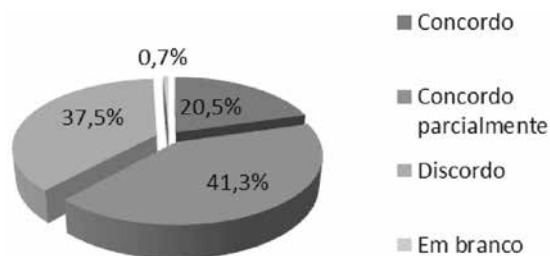


Fonte: Pesquisa de campo

Os estudos de Pessoa e Maia (2012) vêm ao encontro desses anseios no sentido de salientar que para usar as tecnologias ao seu favor, cabe ao estudante não se deixar levar pela facilidade exasperada que a mesma oferece. Os dados revelam que diante da grande quantidade de informações disponíveis na *internet*, a sua maior dificuldade é selecionar o que é de qualidade do que não é. Assim torna-se preocupante o uso descontrolado da *internet* para a realização de pesquisas no campo universitário, visto que os estudantes precisam aprender julgar o que tem valor científico.

Em relação à escrita, os estudantes, quando questionados se o uso da *internet* tem ajudado a desenvolver a escrita, 37,5 % discordaram desta premissa (ver Gráfico 8).

Gráfico 8. O uso da internet o tem ajudado a desenvolver a sua escrita



Fonte: Pesquisa de campo

Diante da liberdade de escrita, 40,9 % mencionaram se preocupar em preservar a gramática correta quando se comunicam pela *internet*. Devendo, ainda, ser a norma culta considerada nos trabalhos acadêmicos (85,0 %). Já aqueles que confirmaram fazer uso das gírias das redes sociais (41,7 %) consideraram que a linguagem da internet deve também ser considerada. Contudo, em outra questão, um número significativo de 72,8 % (quando somando o percentual daqueles que concordam ou concordam parcialmente) reconhece que o uso desta linguagem da *internet* acaba por viciar a sua comunicação escrita em outros momentos.

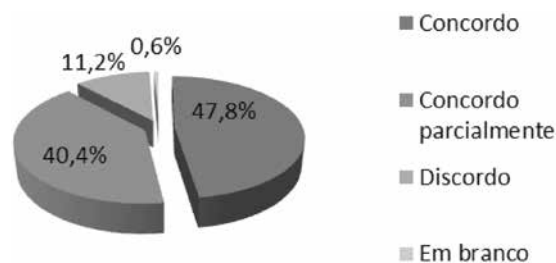
3) A internet e o desempenho educacional

A contribuição que a *internet* traz para a aprendizagem é considerável, visto que os estudantes estão a cada dia mais inseridos neste meio. Pode se perceber, com base nos dados da pesquisa que 80,5 % dos educandos consideram que a *internet* contribui para melhorar o seu desempenho educacional. Este fenômeno corrobora observações de Moran (2003, p. 01) ao destacar que “ensinar e aprender, hoje não se

limita ao trabalho dentro da sala de aula”, pois na atualidade, as novas tecnologias dão oportunidades de conceber novos conhecimentos fora do ambiente formal. Conforme Barbosa (1999), a *internet* concebe diversas maneiras para o ensino: o estudante obtém autonomia ao pesquisar e gera o seu próprio saber. Por estas razões, parte dos licenciandos concordou plenamente (46,2 %) com a ideia de que a *internet* ajuda a desenvolver seu pensamento crítico.

Além disto, eles destacaram que a *internet* os motiva para estudar e para aprender novos assuntos (ver Gráfico 9).

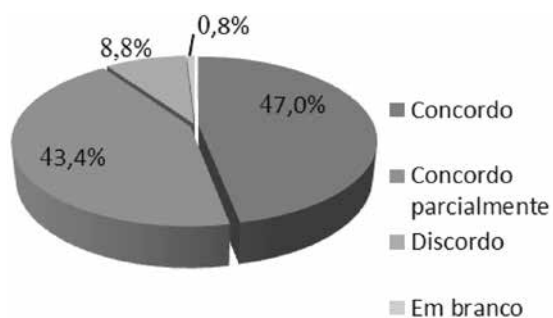
Gráfico 9. A internet aumenta a sua motivação para estudar e para aprender novos assuntos



Fonte: Pesquisa de campo

Nesta mesma linha de raciocínio, verificou-se ainda que quando somados o percentual de concordo e concordo parcialmente, um percentual de 90,4 % considerou que a *internet* é um elemento diferenciador entre estudantes que usa a *internet* como fonte de pesquisa se diferencia de outro que não usa para o mesmo fim. Este dado ratifica a importância desta ferramenta no aprendizado dos estudantes conforme se verifica no Gráfico 10.

Gráfico 10. O estudante que usa a internet como fonte de pesquisa se diferencia de outro que não usa para o mesmo fim



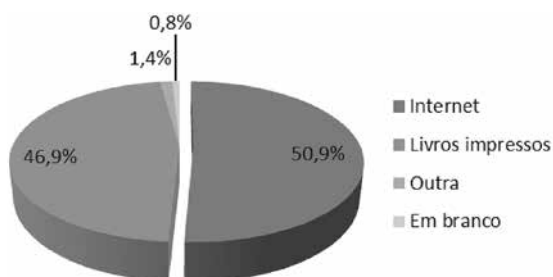
Fonte: Pesquisa de campo

4) O uso da internet na sala de aula e os trabalhos acadêmicos

Segundo os estudantes, os professores geralmente incentivam o uso da *internet* para a realização de trabalhos, assim destacaram 38,5 % daqueles que concordaram e 50,1 % daqueles que concordaram parcialmente.

Averiguando a compreensão dos jovens universitários acerca das questões referentes à *internet*, percebemos que eles valoram a *internet* como fonte de pesquisa, assim considerou a maioria (ver Gráfico 11).

Gráfico 11. Qual fonte de pesquisa você prefere para realizar um trabalho acadêmico



Fonte: Pesquisa de campo

Conforme demonstra o gráfico acima, os estudantes prezam por esta nova forma de aprendizagem, atraente, rápida, sintética, que traz comodidade. Além disso, 88,4 % (soma dos que concordam com aqueles que concordam parcialmente) consideram que a *internet* aumenta sua motivação para aprender novos assuntos, isto é, os estudantes ultrapassam o papel passivo de apenas escutar, ler e decorar e tornam-se criativos, críticos, para pesquisar e atuantes na produção do seu próprio conhecimento (Moran, Masetto & Beherens, 2002).

Contudo, 82,0 % dos respondentes (soman-do os que concordam com concordam parcialmente) afirmam que a qualidade de trabalhos feitos a partir da *internet*, é de cunho duvidoso. Assim também expressam outros estudantes do curso de Letras e Matemática nos grupos focais:

Os professores falam, mesmo quando vamos fazer o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Eles sempre falam que tem várias pesquisas, mas que têm pesquisas duvidosas. Você vai a tal página, então tem tal lugar que vocês podem pesquisar, eles dão a dica. Só que assim, a gente olha o site, se tem mais ou menos a ver o que a gente quer também, em livros e outras pesquisas (Curso de Letras, sexo masculino, Estudante B).

Extremamente duvidoso, principalmente quando você joga no Google e ele dá de tudo para a gente, se não houver critério acadê-

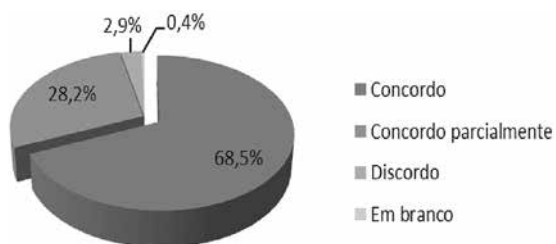
mico de seleção, certamente é duvidoso (...) (Curso de Letras, sexo feminino, Estudante C).

Você usando só a *internet* não é confiável tem que usar a *internet*, livros, reforço de pessoas graduadas (Curso de Matemática, sexo feminino, Estudante A).

Estes relatos certificam a necessidade de se atentar para o fato de que nem sempre serão encontradas pesquisas verdadeiras e originais. Acerca disto, Klammer; Campos e Tavarnaro (2009) ao contrário da proposta do livro, em que um indivíduo por si só compõe uma obra, a *internet* abre um número indefinido de pessoas comuns para participarem da criação de uma enciclopédia como é o caso da *Wikipédia*, cujos dados, para a academia, não são confiáveis para pesquisas.

Referente ao propósito do professor como mediador da aprendizagem, 68,5 % consideraram que o uso da *internet* facilita o trabalho na sala de aula.

Gráfico 12. O uso da internet facilita o trabalho na aula

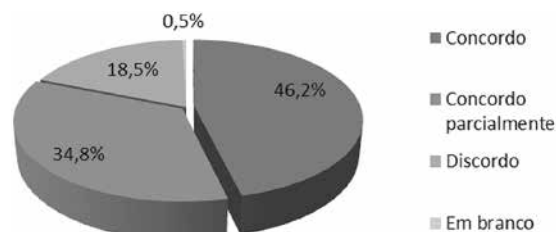


Fonte: Pesquisa de campo

Para Sorj e Remold (2005), quando os professores integram o uso dos computadores às disciplinas faz com que as aulas se tornem mais dinâmicas e menos monótonas, ajudando a melhorar a autoestima do aluno, motivação e seu interesse. Mas, esta não é uma prática adotada pela maioria dos professores, já que apenas 38,5 % dos estudantes concordaram plenamente que os seus professores incentivam o uso da *internet* para a realização de trabalhos.

Segundo os dados dos questionários, os alunos recebem orientação de seus professores para o uso da *internet* para a realização de trabalhos. Quanto ao uso da *internet* na sala de aula, Moran (2003) considera que é papel do professor observar cada aluno, incentivá-lo e auxiliá-lo em suas dúvidas. Assim, é importante que o professor fique atento ao ritmo de cada aluno e às suas formas pessoais de navegação, sugerindo, incentivando, questionando e, deste modo, aprende junto com ele (Moran, 1997).

Gráfico 13. Os professores orientam como fazer o uso da internet para a realização de trabalhos



Fonte: Pesquisa de campo

Contudo, mais da metade dos estudantes (53,9 %) consideram-se beneficiados com o uso da *internet* pelo professor em sala de aula,

conforme previsto em Lei de Diretrizes e Base da Educação nacional 9394/96 (Brasil, 1996) em seu artigo 43 que explicita o estímulo ao uso da tecnologia para “incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive”. Portanto, a *internet* é parte importante na formação dos licenciandos para os quais devem estar voltados os professores e à universidade.

Conclusões

O uso da *internet* contribuir ou não para mais leituras dos licenciandos dividiu a opinião dos estudantes que se mostraram contraditórios em duas questões. Por exemplo, em uma das questões, os estudantes consideraram que leem mais quando cursam a disciplina virtual. Entretanto, em outra questão, os estudantes consideraram que o acesso a informações na *internet* faz com que o universitário leia menos do que lia. O fato é que em geral, os estudantes apontaram a *internet* como seu meio preferido para realização dos trabalhos acadêmicos. Assim sendo, não se pode ignorar a presença desta e de outras tecnologias com o apoio à aprendizagem dos acadêmicos. Porém, não basta o acesso à esta ferramenta. É preciso conduzi-los para o uso correto/consciente da *internet* que pode ser usada a serviço da aprendizagem, como, por exemplo, a orientação para o reconhecimento de documentos com valor científico e inclusive acerca da prática do plá-

gio e da escrita quanto ao domínio da norma culta no espaço acadêmico, devendo ser cobrado por seus professores a usarem norma culta e o domínio da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Todavia, parte dos estudantes destacou que nem sempre isso ocorre e, da mesma forma, nem sempre, a norma culta é verificada por seus professores nos trabalhos acadêmicos.

Notou-se ainda que na universidade pesquisada, os estudantes contam com um número qualificado de bibliotecários que realizam projetos de leitura e cursos rápidos para acesso gratuito às bases de dados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no entanto, são pouquíssimos os estudantes que aproveitam esta oportunidade.

Para a universidade, os estudantes constituem-se em seres autônomos no processo de ensino e de aprendizagem. Porém, se estes não forem orientados quanto às facilidades e perigos do uso da *internet*, acerca de sua praticidade exacerbada, os universitários podem ter sua formação comprometida.

Paralelo a isto, identifica-se a necessidade dos professores como mediadores da aprendizagem. No entanto, há de se destacar a forte disputa entre ele e as novas tecnologias, cada vez mais acessíveis e atraentes aos estudantes, devendo, pois usar *internet* em benefício do processo de ensino e de aprendizagem e, deste modo, alcançar resultados satisfatórios com

aulas mais dinâmicas e inovadoras. Portanto, uma ferramenta como a *internet* que disponibiliza um arsenal de informação, de conhecimento e interações com acesso imediato e sem burocracia, não pode ser excluída do ensino enquanto auxílio à aprendizagem, isto seria uma negação ao desenvolvimento, sobretudo na educação superior.

Assim, é possível afirmar a partir desse estudo que o uso da *internet*, mesmo no meio universitário, corresponde a uma “faca de dois gumes”. Sendo assim, não basta apenas a disponibilização desta ferramenta a estudantes e professores, é preciso o seu uso consciente e responsável.

Referências

- Amorim, W. T. (2010). Leitura: barreira na formação acadêmica. Oliveira, Anátalia Dejene de; Pimentel, Gabriela Sousa Rêgo. *Educação superior: questões contemporâneas*. Salvador: EDUNEB.
- Àvila, C. D' & Leal, L. A. B. (2012). Docência universitária e metáfora lúdica mediada pelas tecnologias digitais. *Revista Teias*, 13(30), 197-207, set. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/1372>>. Consultado em: 20 mar. 2014.
- Barbosa, A. C. L. S. (1999). O ensino Superior e a internet. *Revista de Ciência e Tecnologia, Minas Gerais*, 2(13), 73-80, jun. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/rct13art06.pdf>>. Consultado em: 20 de mar. 2014.
- Baptista, D. M. T. (1999). O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. M. L. Martinelli (Org.), *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. (pp. 31-40). São Paulo: Veras Editora.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauer, M. W., Gaskell, G. & Allum, N. C. (2007). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. M. Bauer, G. Gaskell, *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 6. ed. (pp. 17-36). Rio de Janeiro: Vozes.
- Brasil (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília. Senado Federal.
- Bruno, A. R., Pesce, L. & Bertomeu, J. V. C. (2012). Teorias da educação e da comunicação: fundamentos das práticas pedagógicas mediadas por tecnologias. *Revista Teias*, 13(30), 119-143. Rio de Janeiro. set./dez. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/1366>>. Consultado em: 20 mar. 2014.
- Castells, M. (2002). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Chizzotti, A. (1998). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 3. ed. São Paulo: Cortez.
- Córdoba, L. C. (2005, jul.). As influências do uso de tecnologias na educação. *Outras Palavras*, 2(1), 107-120. Brasília.

- Defourny, V. (2010). Apresentação: A UNESCO e as linguagens dos jovens: novos tempos, novas perspectivas. *Interacções*, Santarém, (16), 1-2. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes>>. Consultado em: 04 mar. 2014.
- Delors, J. (Coord.) (1998). *Os quatro pilares da educação. Educação: um tesouro a descobrir* (pp. 89-102). São Paulo: Cortez.
- Demo, P. (1995). *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. ed. São Paulo: Atlas.
- Gomes, M. E. S. & Barbosa, E. F. (1999). *A técnica educativa de grupos focais para obtenção de dados qualitativos. Educativa. Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais*. Disponível em: <www.tecnologiaprojetos.com.br/.../%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638...>. Consultado em: 18 jan. 2014.
- Faria, E. T. (2004). O professor e as novas tecnologias. D. Enricone (Org). *Ser professor*. 4. ed. (pp. 57-72). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2012). Escala social. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab_hist.shtm. Consultado em: 10 ago. 2014.
- Jonassen, D. (1996). O uso das novas tecnologias na educação a distância e a aprendizagem construtivista. *Inep*, 70(16), 70-88. Brasília, Disponível em: <<http://www.galanet.eu/dossier/fichiers/O%20uso%20das%20novas%20tecnologias%20na%20educa%E7%E3o.pdf>>. Consultado em: 13 abr. 2014.
- Klammer, C. R., Campos, B. S. de & Tavarnaro, T. (2009). A relação do público universitário com a internet e a sua influência nos hábitos nos hábitos de leitura. *Intercon*, Anais do Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 32, Curitiba, pp. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/lista_area_DT6-CD.htm>. Consultado em: 04 mar. 2014.
- Lira, A. (2010). Fim da norma culta? *Revista Interacções, Santarém*, 6(16), 179-185, abr. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/442>>. Consultado em: 10 set. 2014.
- Mafra, N. D. F. & Rezende, L. A. de (2011). Formação para formar o leitor jovem do século XXI. *Interacções, Santarém*, (17), 1-18. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/448/402>>. Consultado em: 04 mar. 2014.
- Mercado, L. P. L. (2001). *A Internet como ambiente auxiliar do professor no processo ensino aprendizagem*. S/l. Disponível em: <<http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200372917565paper-303.pdf>>. Consultado em: 10 de maio. 2014.
- Moran, J. M. (1997). Como utilizar a internet na educação. *Ciência da Informação*, 26(2), 146-153, maio-ago. São Paulo.
- Moran, J. M. (1999a). O uso das novas tecnologias da informação e da comunicação

- na EAD – uma leitura crítica dos meios. Palestra apresentada no Programa TV Escola: capacitação de gerentes, Belo Horizonte e Fortaleza. COPEAD/SEED/MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>>. Consultado em: 06 set. 2014.
- Moran, J. M. (1999b). Internet no ensino. *Comunicação & Educação*, 14, 17-26, jan./abr. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/comeduc/article/viewArticle/4083>>. Consultado em: 13 de mar. 2014.
- Moran, J. M. (2003). *Educação inovadora presencial e a distância*. São Paulo: USP. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/innov.pdf>. Consultado em: 31. set. 2013.
- Moran, J. M. (2005). *Educação inovadora na sociedade da informação*. S/l. Disponível em <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/moran.PDF>>. Consultado em: 02 de set. 2014.
- Moran, J. M., Masetto, M. & Behrens, M. (2002). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 5. ed. São Paulo: Papirus.
- Moro, E. L. da S., Souto, G. P. & Estabel, L. B. (2004). *A influência da internet nos hábitos de leitura dos adolescentes*. (pp. 1-13). Minas Gerais: GEBE. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/313.pdf>>. Consultado em: 15 ago. 2014.
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *CADERNOS DE PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO*, 1(3), 1-5. São Paulo. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Consultado em: 29 abr. 2014.
- Peixoto, J. (2011). Escritas para si: Práticas juvenis de comunicação em rede. *Interações, Santarém*, (17), 135-150. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interacoes/article/view/450/404>>. Consultado em: 10 ago. 2014.
- Pessoa, A. R. & Maia, G. G. (2012). A leitura e as novas mídias digitais: Interações e permanência. *Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, Paraíba*, 5(06), 1-14, jun. Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/view/14325>>. Consultado em: 20 abr. 2014.
- Queiroz, S. C. (2014). O desafio do novo. *Revista Ensino Superior, Campinas*, 16(185), 14-17, mar.
- Ribeiro, A. E. (2007). Kd o prof? Tb foi navegar. J. C. Araújo (Org.), *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. (pp. 221-243). Rio de Janeiro: Lucerna.
- Richardson, R. J. et al. (1989). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Rosing, T. M. K. (2012). Diferentes espaços de leitura e de escrita no ensino superior: a situação Brasileira. *Nuances: estudos sobre educação, Passo Fundo*, 22(21),

- 61-75. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1622/1558>>. Consultado em: 20 maio 2014.
- Santos, S. de J. B. dos (2006). A importância da leitura no ensino superior. *Revista de Educação*, 9(9), 77-83. São Paulo. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/reduc/article/viewArticle/193>>. Consultado em: 30 set. 2013.
- Schechtman, S. (2009). Mediação pedagógica em ambientes virtuais de aprendizagem a partir da complexidade e do pensamento ecossistêmico. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica de Brasília, Brasília.
- Sorj, B. & Remold, J. (2005). Exclusão digital e educação no Brasil: dentro e fora da escola. *Revista Senac* (pp. 1-10). Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/313/boltec313a.html>>. Consultado em: 05 ago. 2014.
- Silva, F. M. da (2010). Novas mídias: Leitura e produção textual. *Revista Odisseia*, 2(5), 1-10, mar. Rio grande do norte. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/313/boltec313a.html>>. Consultado em: 10 maio. 2014.
- Tourinho, C. (2011). Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “deficiência” ou simples falta de hábito? *Revista Lugares de Educação*, 1(2), 325-346, jun. Paraíba. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/rle/article/view/10966>>. Consultado em: 20 set. 2014.
- Vergara, S. C. (2009). *Métodos de coleta de dados no campo*. São Paulo: Atlas.
- Wolyne, E. (2010). O impacto da internet na Educação Superior. *TECHNE*. S/l. Maio. Disponível em: <<http://www.techne.com.br/artigos/O%20Impacto%20da%20Internet%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Superior.pdf>>. Consultado em: 05 set. 2014.